



Formação continuada de professores(as) para o ensino de matemática a estudantes autistas no interior da Amazônia Ocidental

Camila Camargo Senhorinho Santos Denny Brown¹
Eliaana Alves Pereira Leite²

Resumo do trabalho: O artigo apresenta um recorte de pesquisa de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da Universidade Federal de Rondônia, cujo objetivo central é analisar as repercussões de uma formação continuada, elaborada e promovida pela primeira autora sob orientação da segunda, acerca da prática pedagógica de professores(as) das escolas municipais de Ji-Paraná/RO. Fundamentado em marcos legais e na literatura, o estudo parte do reconhecimento de que, embora o acesso à escola regular esteja juridicamente garantido, a efetivação da inclusão no ensino de matemática para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ainda enfrenta obstáculos significativos, sobretudo pela insuficiência da formação docente inicial. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa de campo com caráter interventivo, e propõe um curso de extensão de 40 horas, estruturado em oito encontros presenciais, destinado a professores(as) com formação em Pedagogia que tenham, em suas turmas, ao menos um estudante com laudo de TEA. Os conteúdos da formação abrangem características do TEA e estratégias pedagógicas adaptadas, como o uso de recursos visuais, materiais concretos e hiperfocos. Ancorada na Teoria Histórico-Cultural, a pesquisa busca fortalecer a mediação qualificada do(a) professor(a) e contribuir para a formulação de políticas públicas de formação continuada comprometidas com a equidade e a inclusão no contexto da Educação Matemática.

Palavras-chave: educação matemática; formação continuada de professores(as); transtorno do espectro autista;

Introdução

A inclusão escolar no Brasil registrou avanços notáveis nas últimas décadas, respaldada por marcos legais consistentes, como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146/2015 (Brasil, 2015). Esses instrumentos garantem o direito ao acesso, à permanência e ao aprendizado de qualidade para todos os estudantes, independentemente de suas condições físicas,

¹ Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Campus de Ji-Paraná, camilacamargo.ss@gmail.com.

² Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Campus de Ji-Paraná, eliana.leite@unir.br.



intelectuais ou sensoriais, dentro do ensino regular. Contudo, a efetivação desses direitos no cotidiano escolar, principalmente no ensino de matemática para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), apresenta desafios significativos que demandam atenção imediata.

O Transtorno do Espectro Autista, definido pela *American Psychiatric Association* (APA, 2014) no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), refere-se a uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes em comunicação e interação social, bem como por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Em ambiente escolar, tais características podem ser observadas sob múltiplos aspectos, impactando o processamento de informações pelo estudante, sua interação com professores e colegas, além da compreensão de conceitos abstratos pertinentes à matemática.

O ensino de matemática direcionado a estudantes com TEA requer metodologias pedagógicas que levem em consideração suas características cognitivas e sensoriais específicas. Segundo Rodrigues (2021), são recorrentes as dificuldades na interpretação de enunciados, na generalização de conceitos e na interação em atividades coletivas, embora diversos alunos demonstrem aptidão destacada em áreas como cálculo e identificação de padrões. Entretanto, a formação inicial dos(as) docentes, geralmente de caráter generalista nos cursos de Pedagogia, tende a ser insuficiente quanto ao embasamento teórico e prático para atuar diante dessa heterogeneidade.

Pesquisas como a realizada por Gatti (2010) demonstram que a formação de professores(as) no Brasil apresenta deficiências significativas no aprofundamento das questões relacionadas à inclusão e às metodologias específicas. No contexto do ensino de matemática para estudantes com TEA, tal lacuna revela-se ainda mais expressiva. Um levantamento realizado no banco de



teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) utilizando inicialmente o descritor “formação continuada de professores que ensinam matemática para estudantes com transtorno do espectro autista”, resultando na identificação de uma única dissertação de mestrado acadêmico. Para ampliar o escopo, foram empregues variações dos descritores, como “formação de professores que ensina matemática para estudantes com transtorno do espectro autista” (incluindo tanto a formação inicial quanto a continuada), o que permitiu a localização de quatro dissertações. Mesmo substituindo o termo ‘transtorno do espectro autista’ por sua sigla ‘TEA’, o número de estudos encontrados permaneceu o mesmo, sendo identificados quatro trabalhos diretamente relacionados ao tema: Tolentino (2021), Almeida (2022), Leandro (2022) e Silva (2022). Os resultados evidenciam uma significativa escassez de produção acadêmica capaz de embasar e orientar a prática docente nesse segmento.

Diante desse contexto, a formação continuada apresenta-se como uma estratégia essencial para suprir as deficiências da formação inicial e favorecer o desenvolvimento profissional docente. Nessa mesma linha, Imbernón (2011) e Candau (2003) afirmam que a formação deve ser pautada pelas reais necessidades dos(as) professores(as) e pelo contexto escolar, fomentando a autonomia e a capacidade de intervenção na realidade.

Este trabalho apresenta um recorte de pesquisa em andamento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). O estudo tem como objetivo principal analisar as repercussões de uma formação continuada, elaborada e promovida pela primeira autora sob orientação da segunda, acerca da prática pedagógica de professores(as) das escolas municipais de Ji-Paraná/RO. Para alcançar tal finalidade, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: 1) Analisar e sistematizar as contribuições e lacunas da formação inicial e continuada dos(as)



participantes; 2) Identificar os conhecimentos prévios dos(as) docentes acerca do TEA e do ensino de matemática; 3) Investigar os desafios e necessidades formativas enfrentados pelos(as) professores(as); 4) Verificar o suporte oferecido pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE); 5) Planejar e executar um curso de formação continuada fundamentado nas demandas diagnosticadas; e 6) Avaliar os impactos advindos do curso sob a ótica dos(as) participantes.

A motivação para esta pesquisa está fundamentada na necessidade de capacitar os(as) docentes para a promoção da inclusão, especialmente na Região Norte do Brasil, onde desafios estruturais e formativos persistem historicamente. Os resultados previstos visam contribuir para a área da Educação Matemática Inclusiva, fornecendo bases para a formulação de políticas públicas e programas de formação que valorizem a diversidade e promovam a equidade no ambiente educacional no município de Ji-Paraná.

Caracterização do Transtorno do Espectro Autista

O Autismo, ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma condição do neurodesenvolvimento que influencia a interação social, comunicação e comportamento (Castro, 2024; Leandro, 2022). O DSM-5, agrupou diferentes diagnósticos antigos, como autismo clássico, Síndrome de Asperger e outros, sob o termo único TEA (APA, 2014). Reconhece-se que, apesar das diferenças, essas condições compartilham características centrais e relações neurológicas. Autistas têm traços comuns, mas sua manifestação e impacto variam amplamente entre indivíduos. Como destacam Castro e Pereira (2024, p. 21):

O transtorno do espectro autista (TEA) caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, com comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. O TEA



tende a se apresentar de maneira complexa, ampla e heterogênea. Até mesmo a palavra espectro torna-se insuficiente para descrever com clareza toda a sua singularidade. Ele gera prejuízos significativos que afetam o desenvolvimento pessoal, social, pedagógico e profissional. Ele pode dificultar a aquisição de uma série de habilidades inatas ao ser humano, seja em menor ou maior grau. Isso faz que a pessoa desenvolva comportamentos incomuns, atípicos, e sofra por não conseguir, por exemplo, interagir com espontaneidade.

Assim como o espectro de luz abrange diversas cores, o espectro do autismo apresenta múltiplas manifestações. O TEA não se expressa da mesma forma em todas as pessoas; seus traços principais, dificuldades de comunicação social, interação e padrões repetitivos de comportamento, variam em intensidade e combinação (Castro, 2024). Pessoas autistas podem ser verbais, não-verbais ou minimamente verbais, Brasil, (2023). Corroborando; Sanches; Eiterer; Souza, (2024) os interesses restritos variam em tema e intensidade, assim como a frequência dos comportamentos repetitivos (por exemplo, *flapping* ou balançar o corpo) e das sensibilidades sensoriais com luz, som, texturas, cheiros.

Muitos indivíduos com transtorno do espectro autista também apresentam comprometimento intelectual e/ou da linguagem (p. ex., atraso na fala, compreensão da linguagem aquém da produção). Mesmo aqueles com inteligência média ou alta apresentam um perfil irregular de capacidades. A discrepância entre habilidades funcionais adaptativas e intelectuais costuma ser grande. Déficits motores estão frequentemente presentes, incluindo marcha atípica, falta de coordenação e outros sinais motores anormais (p. ex., caminhar na ponta dos pés). Pode ocorrer autolesão (p. ex., bater a cabeça, morder o punho), e comportamentos disruptivos/desafiadores são mais comuns em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista do que em outros transtornos, incluindo deficiência intelectual. (APA, 2014, p. 55)

Para estudantes com TEA, destaca-se a importância da mediação qualificada do(a) professor(a), bem como da utilização de instrumentos e signos adequados, como fatores essenciais para superar barreiras e favorecer a apropriação do conhecimento matemático. Adicionalmente, adota-se a perspectiva



da Educação Inclusiva (Brasil, 2025), que orienta a implementação de práticas pedagógicas voltadas não apenas à adaptação curricular, mas também à transformação da cultura escolar para acolhimento efetivo da diversidade.

Formação continuada de professores(as) que ensinam matemática

A formação docente caracteriza-se como um processo contínuo, desenvolvendo-se ao longo de toda a trajetória profissional e integrando-se às práticas sociais e escolares cotidianas, esse processo pode apresentar maior intensidade e relevância em determinados contextos, conforme Passos *et al.*, (2006), e nesse processo *continuum* de formação deve-se considerar a:

[...] necessidade de estabelecimento de um fio condutor que vá produzindo os sentidos e explicitando os significados ao longo de toda a vida do professor, garantindo, ao mesmo tempo, os nexos entre a formação inicial, a continuada e as experiências vividas. (Mizukami *et al.*, 2010, p. 16).

A formação continuada de professores(as) passou a ser compreendida não apenas como uma forma de atualização, mas como um direito e uma necessidade inerente à profissão docente. A compreensão da abordagem dessa temática nas diferentes disciplinas, sobretudo no campo da Educação Matemática, revela-se imprescindível, considerando os desafios atuais do ensino de Matemática.

Fiorentini e Lorenzato (2006) defendem a centralidade do(a) professor(a) na construção coletiva do conhecimento em Educação Matemática, enquanto Imbernón (2010, p. 56) destaca a relevância da formação continuada para renovar práticas docentes.

A instituição educacional converte-se em um lugar de formação prioritário mediante projetos ou pesquisa-ações frente a outras modalidades formadoras de treinamento. A escola passa a ser foco do processo “ação-reflexão-ação” como unidade básica de mudança, desenvolvimento e melhoria. Não são iguais a escola em que produz uma inovação esporádica e a escola que é sujeito e objeto da mudança.



Esses desafios são especialmente notáveis diante da necessidade de atender às especificidades da diversidade em sala de aula, com destaque para estudantes com TEA. Mantoan (2003) afirma que escolas inclusivas precisam de professores(as) que reconheçam e valorizem as diferenças. Cunha (2012) e Orrú (2003) apontam que a preparação desses profissionais ainda não está sistematizada e apresenta lacunas. Manrique e Viana (2021) reforçam que o diálogo entre Educação Matemática e Educação Especial é essencial para uma escola inclusiva.

Destarte, a formação continuada é fundamental na relação entre Matemática e autismo, porém há poucas formações e materiais específicos sobre o tema. A literatura evidencia a necessidade de mais atenção e investimento na capacitação de professores que ensinam Matemática para estudantes com TEA, especialmente em regiões distantes do Brasil, como ocorre com a proposta desta pesquisa.

Metodologia

A pesquisa adotará uma abordagem qualitativa (Fiorentini, 2023) do tipo pesquisa de campo (Fiorentini; Lorenzato, 2006), com modalidade interventiva (Damiani, *et al.*, 2013). A intervenção será realizada por meio de um curso de extensão, devidamente formalizado e certificado pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), no Laboratório de Matemática (LabMat) do Campus Ji-Paraná. Os(as) participantes serão entre 5 e 10 professores(as) que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) em escolas municipais de Ji-Paraná/RO, tanto da área urbana quanto rural. Os critérios de seleção serão: a) Ter cursado Licenciatura em Pedagogia; b) ter, em 2026, ao menos um(a) estudante com laudo de TEA na turma; e, c) disponibilidade voluntária para participar da pesquisa. A presente pesquisa está em apreciação no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP).

O curso terá carga horária total de 40 horas, distribuídas em 8 encontros presenciais de 3 horas cada, e 16 horas de leituras complementares. A pesquisa



será conduzida em cinco fases: 1) diagnóstica (questionário inicial); 2) planejamento (estruturação dos temas conforme as demandas identificadas); 3) definição metodológica; 4) intervenção (realização dos encontros) e 5) avaliação (*feedbacks* pós-curso, onde será analisado as repercussões do curso de formação).

Os conteúdos contemplam: características do TEA e seu impacto na aprendizagem; manejo sensorial e comportamental; estratégias pedagógicas para o ensino de Matemática (recursos visuais, materiais concretos, uso de hiperfocos); trabalho colaborativo com famílias e o Atendimento Educacional Especializado (AEE); e elaboração de adaptações curriculares do Estudo de Caso e do Plano Educacional Individualizado (PEI). As estratégias metodológicas incluem exposições dialogadas, análise de casos de ensino, jogos matemáticos, vídeos temáticos e trabalhos em grupo.

Para a produção de dados, serão utilizados: questionários diagnóstico e final, entrevistas semiestruturadas individuais (realizadas cerca de 30 dias após o curso), conforme Fiorentini; Lorenzato (2006, p. 120), essa técnica “[...] além de permitir uma obtenção mais direta e imediata dos dados, serve para aprofundar o estudo, complementando outras técnicas de coleta de dados de alcance superficial ou genérica [...]”, observação participante com diário de campo e materiais produzidos pelos docentes, como planos de aula adaptados e memoriais reflexivos. A análise dos dados será fundamentada na Teoria Histórico-Cultural (THC), corroborando Schimidt; Pertile (2024, p.5),

A necessidade de fundamentação para exercer com consciência a prática pedagógica também é parte da problemática que se manifesta na atualidade e a Teoria Histórico-Cultural se apresenta como um referencial que oportuniza o aprofundamento teórico como subsídio aos aspectos práticos da ação docente

Destarte, para a educação matemática, a THC é sustentada pelo movimento do pensamento concreto para o abstrato, que será mediado pela ação cultural,



onde o ensino e a aprendizagem para estudantes com TEA será realizado através das interações dos(as) estudantes com os(as) professores(as) e seus pares.

Conclusão

A pesquisa insere-se em um campo ainda incipiente no Brasil: a articulação entre Educação Matemática e Educação Especial, especificamente no que diz respeito à formação docente voltada à inclusão de estudantes no espectro autista.

O panorama levantado junto ao banco de teses e dissertações da CAPES revelou uma produção acadêmica escassa sobre a temática (apenas quatro trabalhos identificados em mais de duas décadas), o que reafirma a urgência e a relevância de investigações como a aqui proposta. Essa lacuna não é meramente quantitativa; ela expressa uma fragilidade estrutural na formação de professores(as), que frequentemente chegam às salas de aula sem instrumentos teóricos ou práticos suficientes para mediar o processo de aprendizagem de estudantes com TEA, especialmente em disciplinas como a matemática, cujos conceitos abstratos demandam estratégias pedagógicas cuidadosamente planejadas.

Para estudantes com TEA, a mediação qualificada do(a) professor(a) torna-se ainda mais determinante, visto que barreiras comunicativas e sensoriais podem comprometer o acesso autônomo ao conhecimento. O curso de formação continuada proposto nesta pesquisa busca justamente fortalecer essa capacidade mediadora, partindo das necessidades reais diagnosticadas junto aos(as) professores(as) que participarão da pesquisa.

Pretende-se que o curso contribua para ampliar o repertório dos(as) professores(as) em relação às características do TEA, às estratégias pedagógicas adaptadas, como o uso de recursos visuais, materiais concretos e hiperfocos, e à elaboração de instrumentos como o Plano Educacional Individualizado (PEI). Reconhece-se, contudo, que a pesquisa apresenta fundamentalmente pioneira na Região Norte do Brasil, historicamente marcada por desigualdades estruturais no



acesso à formação docente qualificada, o que impõe desafios específicos que nem sempre são contemplados por políticas formativas de caráter nacional.

Por fim, espera-se que os resultados desta investigação contribuam para o campo da Educação Matemática Inclusiva, subsidiando a formulação de políticas públicas de formação continuada que considerem a diversidade como princípio pedagógico inegociável. Aponta-se, ainda, a necessidade de novas pesquisas de cunho longitudinal e colaborativo que acompanhem o impacto da formação docente nas trajetórias de aprendizagem de estudantes com TEA ao longo dos anos escolares, consolidando uma agenda de pesquisa comprometida com a equidade e a justiça educacional.

Referências

ALMEIDA, J. C. **Panorama de dissertações e teses sobre o processo de ensino e aprendizagem de matemática para alunos com Transtorno do Espectro Autista no Brasil (2000-2020)**. 2022. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Ji-Paraná, 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION DSM-5 – **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. **Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025**. Institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e a Rede Nacional de Educação Especial. Diário Oficial da União, Brasília, 21 out. 2025. ([Link externo](#)) Acesso 22 fev. 2026.

BRASIL. **Desenvolvimento neuropsicomotor, sinais de alerta e estimulação precoce: um guia para profissionais de saúde e educação**. Ministério da Saúde, Instituto do Câncer Infantil e Pediatria Especializada, Hospital da Criança de Brasília José Alencar. – Brasília: Ministério da Saúde, 2023. ([Link externo](#)) Acesso em: 12 fev. 2026.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, DF, 2015. ([Link externo](#)) Acesso em: 05 fev. 2026.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF, jan. 2008. ([Link externo](#)). Acesso em: 10 fev. de 2026.



CANDAU, V. M. F. **Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CASTRO, T. C. T.; PEREIRA, L. O. J. **Espectro autista feminino** – São Paulo: SP: Literare Books International, 2024.

CASTRO, T.; **O que é o Autismo?** In: CASTRO, T. Simplificando o Autismo, 2 ed. – São Paulo, SP: Literatura Books internacional, 2024.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

DAMIANI, M. F.; ROCHEFORT, R. S.; CASTRO, R. F. DE; DARIZ, M. R.; PINHEIRO, S. S. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, n. 45, p. 57-67, 11 2023. ([Link externo](#)). Acesso em: 05 fev. 2026

FIORENTINI, D. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In: FIORENTINI, D.; GARNICA, A. V. M.; BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. D. C.; ARAUJO, J. D. L. (orgs.) **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2023.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos**. Campinas: Autores associados, 2006.

GATTI, B. A. **Formação de professores: condição para uma escola de qualidade**. São Paulo: Autores Associados, 2010.

IMBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LEANDRO, E. A. **Caminhos para a inclusão: percepções dos professores que ensinam matemática acerca da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. 2022. 94 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2022.

MANRIQUE, A. L.; VIANA, E. D A. **Educação matemática e educação especial: diálogos e contribuições**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é, por que é? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. de M. R.; REYES, C. R.; MARTUCCI, E. M.; LIMA, E. F. de.; TANCREDI, R. M. S. P.; MELLO, R. R. de. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. 2. ed. São Carlos: EDUFSCar, 2010.



ORRÚ, S. E. A formação de professores e a educação de autistas. **Revista Iberoamericana de Educación** ([Link externo](#)), Madrid, n. 31, 2003. Acesso em 28 fev. 2026.

PASSOS, C.L.B.; NACARATO, A.M.; FIORENTINI, D.; MISKULIN, R.G.S.; GRANDO, R.C.; GAMA, R.P.; MEGID, M.A.B.A.; FREITAS, M.T.M.; MELO, M.V. de. Desenvolvimento profissional do professor que ensina matemática: uma meta-análise de estudos brasileiros. **Revista Quadrante**, v. XV, n. 1-2, p. 193-219, 2006. ([Link externo](#)) Acesso em: 01 fev. 2026.

RODRIGUES, R. S. **Ensino de matemática para estudantes com Transtorno do Espectro Autista nos anos iniciais do Ensino Fundamental**: uma investigação com aporte em representações semióticas. 2021. 161 p. Dissertação (Mestrado em Gestão de Ensino da Educação Básica) – Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

SANCHES, P. F. M.; EITERER, P.; SOUZA, S. R. DE .. Ensino de Comportamentos Pré-Requisito do Empatizar para Crianças Autistas: uma Revisão de Escopo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 30, p. e0098, 2024. ([Link externo](#)) Acesso em 10 fev. 2026.

SCHMIDT, J. E.; PERTILE, E. B. Estudantes com transtorno do espectro autista: contribuições da teoria histórico-cultural para o trabalho educativo. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 24, p. 1-28, 2024. ([Link externo](#)) Acesso em: 13 fev. 2026.

SILVA, S. O. **Educação matemática inclusiva na escolarização do estudante com Transtorno do Espectro Autista**: caminhos dos Direitos Humanos. 2022. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022.

TOLENTINO, J. T. C. **Práticas Pedagógicas para o Ensino de Matemática a Estudantes Autistas com Tecnologias Digitais**. 2021. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2021.

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).